

PORTUGUESES EM PETRÓPOLIS: O PROCESSO IMIGRATÓRIO PARA A CIDADE E A MISCIGENAÇÃO NO BRASIL NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Natalia da Paz Lage¹

Resumo: O presente artigo parte dos estudos acerca da imigração portuguesa para o Brasil na primeira metade do século XX, focando na formação da comunidade étnica de Santa Isabel, em Petrópolis, por um grupo de imigrantes portugueses. Com base nessa premissa, buscamos entender como os imigrantes de Santa Isabel contrapõem a ideia do português afeito à miscigenação, não apoioando, dessa forma, as políticas de branqueamento sustentadas pelo governo brasileiro na primeira metade do século XX. Mediante análise das trocas matrimoniais dentro da comunidade de Santa Isabel, abordamos as predileções e hierarquizações nas escolhas conjugais dos imigrantes portugueses. Para tanto, fizemos uso da metodologia de história oral e da história demográfica, assim como da obra literária *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo.

Palavra-chave: Imigração portuguesa; miscigenação; comunidade étnica.

PORTUGUESE IN PETRÓPOLIS: THE IMMIGRATION PROCESS TO THE CITY AND MISCEGENATION IN BRAZIL IN THE FIRST HALF OF THE 20TH CENTURY

Abstract: The present work is based on studies about Portuguese immigration to Brazil in the first half of the 20th century, specifically how a group of Portuguese immigrants formed the ethnic community of Santa Isabel in Petrópolis. Based on this premise, we seek to understand how immigrants from Santa Isabel oppose the idea of the Portuguese being prone to miscegenation and thus do not corroborate the whitening policies supported by Brazilian governments in the first half of the 20th century. Through marital exchanges within the Santa Isabel community, we address the predilections and hierarchies in the marital choices of Portuguese immigrants. To do so, we used the methodology of Oral History and Demographic History, as well as the literary work *O Cortiço*, by Aluísio de Azevedo.

Keywords: Portuguese immigration; miscegenation; ethnic community.

Introdução

A pesquisa, focada na imigração portuguesa no século XX, propõe compreender o casamento dos lusitanos enquanto um mecanismo de

¹ Mestranda em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: nataliadapazlage@gmail.com.

poder social, econômico e político que contrapõe as reverberações do projeto de branqueamento da população brasileira e a busca pela identidade nacional. No ensejo deste objetivo, utilizaremos uma microanálise da comunidade de Santa Isabel, formada por imigrantes portugueses que têm o casamento enquanto ferramenta de manutenção identitária, refutando a ideia do português como imigrante ideal para a miscigenação.

A escolha da comunidade decorreu do desenvolvimento da pesquisa de mestrado, que possibilitou uma base de dados considerável com casamentos cruzados entre os imigrantes portugueses locais entre o período de 1930 e 1960. Utilizamos na construção da base de dados arquivos paroquiais de casamento e seus respectivos processos matrimoniais presentes na Cúria Diocesana de Petrópolis, correspondentes à Paróquia de São Pedro de Alcântara, responsável, nesse período, pela região.

Para compreendermos melhor a formação da comunidade de Santa Isabel, e seus aspectos peculiares que a tornaram essencialmente contrárias às reverberações da política de branqueamento, precisamos do panorama da criação da cidade de Petrópolis. No século XVIII, a região serrana era utilizada enquanto rota de escoamento dos produtos mineiros para a capital da colônia, graças às melhorias do Caminho Novo. De acordo com o historiador Jeronymo Ferreira Alves Netto², a população da região era composta primordialmente pelos indígenas chamados pelos portugueses de coroados; posteriormente pelos sesmeiros portugueses, como Bernardo Soares de Proença, e seus respectivos escravizados; e tropeiros viajantes, que utilizavam a região como rota.

No decorrer do século XIX, a população local se expandiu devido à estadia, nos verões, de Dom Pedro II e sua família. Porém, foi somente em 16 de março de 1843 que o imperador assinou o Decreto nº 155, que dava autorização ao mordomo Paulo Barbosa para a compra da fazenda do Córrego Seco e a Júlio Frederico Koeller para a construção de uma cidade e

² NETTO, Jeronymo Ferreira Alves. *Curso de História de Petrópolis*. Instituto Histórico de Petrópolis, Petrópolis, 23 de abril de 2006, n.p. Disponível em: <https://ihp.org.br/?p=4360#:~:text=Bernardo%20Soares%20de%20Proen%C3%A7a%20nasceu,Proen%C3%A7a%20Magalh%C3%A3es%20e%20de%20D.>

de sua povoação³. Nos anos seguintes, encabeçado pelos planos de Koeller, vieram famílias de colonos com destino às terras adjacentes ao Palácio Imperial, em construção. Inicialmente, as famílias germânicas se direcionaram para a produção agrícola, mas a empreitada não obteve sucesso, o que fez com que a mão de obra fosse deslocada para a construção civil e manufaturas. Feito o palácio de verão de Dom Pedro II, iniciou-se a trajetória de Petrópolis enquanto cidade de veraneio para a Corte. Com a somatória da presença do imigrante germânico e da elite brasileira branca, Petrópolis desenvolveu-se em uma cidade tida como exemplo de progresso à moda europeia. Essa região continuou com o mesmo estereótipo no século XX, já no período republicano, passou a ser vista também como cidade teste, com o acréscimo da mão de obra branca italiana e portuguesa em massa nas fábricas.

Para além dos grupos italianos e portugueses, a cidade serrana teve um aumento significativo de imigrantes estrangeiros de outras nacionalidades no período republicano: japoneses, libaneses, holandeses, franceses, espanhóis etc., e a constante migração interna de mineiros e da população das cidades vizinhas, da baixada fluminense⁴. Na sequência, com as práticas republicanas, Getúlio Vargas desejava criar uma identidade nacional pautada na miscigenação pacífica dos povos fundadores do Brasil, principalmente na cultura lusitana. Petrópolis acompanhou, em seu perfil populacional, as políticas imigratórias varguistas, momento que a entrada de portugueses era facilitada e os imigrantes indesejáveis, como japoneses e africanos, eram restringidos⁵.

Diante dos pontos levantados, entendemos as complexas conjunturas da cidade de Petrópolis atreladas ao movimento histórico do Brasil e suas políticas de miscigenação e identidade nacional. Igualmente, não podemos des-

³ HISTÓRIA- Petrópolis (RJ). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1512/>. Acesso em: 09 de setembro de 2023.

⁴ RESENDE, Regina Helena de Castro; KNIBEL, Carolina Moreira da Silva. *Almanaque de Petrópolis: os imigrantes e a formação de Petrópolis*. N. 6 (mai. 2018). Petrópolis: Museu Imperial, 2018, p. 27 a 51.

⁵ MENDES, José Sacchetta Ramos. *Nem nacional, nem estrangeiro: reflexões sobre um projeto étnico-político brasileiro*. Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (CEPESE), 2010, p. 331. Disponível em: <https://www.cepese.pt/portal/en/publications/works/entre-mares-o-brasil-dos-portugueses/nem-nacional-nem-estrangeiro-reflexoes-sobre-um-projeto-etnico-politico-brasileiro>. Acesso em: 07 de setembro de 2023.

tituir o papel que o imigrante português desempenhou nesse sistema político e cultural. Assim, percebemos, em Petrópolis, por meio da comunidade de Santa Isabel, que o imigrante português apresentava resistências à miscigenação e à própria imersão na cultura brasileira, contrariando a máxima do lusitano como melhor opção para as políticas de branqueamento. Paralelamente, havia a ideia de que em Petrópolis era possível enxergar a idealização do Brasil.

No primeiro momento deste artigo, iremos entender quem foram esses portugueses que vieram para Petrópolis e deram origem à comunidade de Santa Isabel. Em seguida, abordaremos o papel da etnicidade nessa comunidade, que contrapõe o ideário da predileção dos portugueses pela miscigenação. Isso nos ajudará a entender o papel do casamento no sistema social da comunidade e o porquê de casamentos homogânicos serem tão presentes, atingindo toda a estrutura do grupo internamente e servindo como análise corroborativa da resistência portuguesa nas relações conjugais com brasileiros. Afirmamos que este estudo não é conclusivo, sendo um recorte de uma pesquisa mais densa e ampliada, ainda em andamento no Programa de Pós-Graduação em História Política na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Quem são esses portugueses?

Os primeiros portugueses a adentrarem o território anterior à cidade de Petrópolis eram contratados pela Corte Portuguesa para abrir o caminho para Minas, como Bernardo Soares de Proença.⁶ Eles se transformaram em fazendeiros da região, adquirindo muitas posses por parte do pagamento da Coroa. Entre as famílias de grande poder local, acentuamos a Goulão⁷, com destaque para o padre Corrêa, que hospedou algumas vezes Dom Pedro I em sua fazenda. Posteriormente, da mesma família, destacamos Agostinho Goulão, um dos principais donos de escravos locais e que aparece

⁶ NETTO, Jeronymo Ferreira Alves. *Curso de História de Petrópolis*. Instituto Histórico de Petrópolis, Petrópolis, 23 de abril de 2006, n.p. Disponível em: <https://ihp.org.br/?p=4360#:~:text=Bernardo%20Soares%20de%20Proen%C3%A7a%20nasceu,Proen%C3%A7a%20Magalh%C3%A3es%20e%20de%20D.>

⁷ NETTO, Jeronymo Ferreira Alves. *Subsídios para uma história de Itaipava*. Instituto Histórico de Petrópolis. Disponível em: <https://ihp.org.br/?p=4673>. Acesso em: 09 de setembro de 2023.

recorrentemente nos assentos de casamento presentes no arquivo da Cúria⁸. Porém não só de portugueses proprietários de grandes terras a pequena região antecessora de Petrópolis era povoada, havia donos de comércios e de estalagens para os viajantes etc.

No Império brasileiro, após a fundação da cidade de Petrópolis no ano de 1843, o então presidente de província Caldas Viana contratou 135 colonos açorianos para trabalhar no aprimoramento e na conservação do Caminho Novo, que viria a ser nomeado como Estrada da Serra da Estrela, transformando o que até então era um caminho para burros, em uma estrada carroçável⁹.

A presença açoriana reconfigurou a participação portuguesa na cidade, principalmente na área de trabalho, já que os açorianos também auxiliaram na construção do Palácio Imperial, que exigia trabalhadores do ramo da cantaria e artífices em geral para o corte e entalhe de pedras. A partir desse grupo, a leva de imigrantes portugueses tornou-se uma constante, e a parte final da Fazenda do Córrego Seco juntamente da região do Caxambu foram ocupadas pelos trabalhadores açorianos remanescentes das obras da estrada e do Palácio Imperial.

Nas obras viárias que facilitaram as comunicações com o Rio e Minas, trabalhou grande número de portugueses originários dos Açores, como os que foram contratados por Caldas Viana em 1843 para a Estrada da Serra da Estrela e aqueles arregimentados por Mariano Procópio na década de 1850 e 1860 para a Estrada União e Indústria, primeira via macademizada do Brasil. Terminadas essas obras os operários se estabeleceram em comunidades agrícolas como a do Caxambu, que nos tempos áureos da horticultura e floricultura era chamado de Quarteirão Português, ou nas lavouras de cafeicultura que propiciaram o progresso de Itaipava, Pedro do Rio e São José do Rio Preto, existindo ainda hoje a próspera comunidade agrícola do Taquaril na Jacuba, entre outras.¹⁰

Conforme abordado por Morgado, os trabalhadores açorianos de 1843, 1850 e 1860, deram origem a comunidades rurais, como de Santa Isabel, repar-

⁸ Livro de 1845 de casamento. Fundo Catedral São Pedro de Alcântara. Cúria Diocesana de Petrópolis.

⁹ CASTRO, Manoel Viana de. *Caldas Viana. Centenário de Petrópolis, Trabalhos da Comissão*, vol. VII. Prefeitura Municipal de Petrópolis: Petrópolis, 1943, p.223.

¹⁰ MORGADO, 1983 apud MULLER, Mariza. *Os Portugueses na Formação de Petrópolis (1836- 2018)*. Publicação Independente, 2019.

tindo o território em pequenas produções agrícolas, voltadas para o plantio de flores, visando ao abastecimento das floriculturas e feiras, também conduzidas por portugueses, na cidade do Rio de Janeiro. A partir dessas primeiras décadas do século XX, observamos uma mudança na origem dos imigrantes portugueses que adentram Petrópolis, especificamente Santa Isabel, vindos de regiões como Viseu, Braga, Bragança, Vila Real e Porto. Esse quantitativo foi observado nos registros de casamento da Paróquia São Pedro de Alcântara em Petrópolis.

Freguesias e Conselhos	Distritos	Quantidade de portugueses
Aboadela	Porto	3
Adolphi	Vila Real	11
Aguiar de Souza, Conselho de Paredes	Porto	7
Campanhó	Vila Real	29
Campeã	Vila Real	4
Canadelo	Porto	4
Castelvés, Conselho de Tondela	Vizeu	1
Cepões, Conselho de Ponte de Lima	Viana do Castelo	1
Couto	Vila Real	1
Ermelo	Vila Real	7
Ferreiros	Braga	1
Ilha da Madeira	-	1
Magalhães	Viana do Castelo	1
Marinhos	Coimbra	1
Mondim de Basto	Vila Real	2
Moreira, Conselho de Ponte de Lima	Braga	1
Pardelhas	Vila Real	15
Peões	Braga	1
Ponte da Barca, Minho	Viana do Castelo	1
Prado	Braga	1
Resende, Lamego	Viseu	3
Sanchu	-	1
Santo Tirso	Porto	1
São Miguel da Pena	Vila Real	3
São Romão de Coronado, Trofa	Porto	1
Vila Cova de Covelo	Vizeu	1
Vila Franca das Naves	Guarda	2
Vila Marim	Vila Real	1
Vila Nova de Maia	Porto	1
Vila Real	Vila Real	6

Tabela 1 – Regiões portuguesas de origem dos imigrantes de Santa Isabel (1933-1967)

Fonte: elaboração própria a partir dos registros paroquiais de casamento da Paróquia de São Pedro de Alcântara entre os anos de 1933 e 1967, Arquivo histórico da Cúria Diocesana de Petrópolis.

Na comunidade de Santa Isabel, 90% da população imigrante que chegou nasceu nesses distritos, e sua vinda foi justificada pelos laços familiares e de amizade, estabelecendo uma rede entre aqueles que partiram e os membros do grupo que permaneceram. Foram esses laços que impulsionaram ano após ano uma nova remeça de imigrantes para a comunidade, sendo o recorte de 1930 e 1960 o período mais intenso desse fluxo e dos casamentos entre os imigrantes.

Por redes entendemos uma dimensão relacional entre os imigrantes nas duas esferas espaciais de análise: Portugal e Brasil. Os laços afetivos portugueses, presentes na identidade dos sujeitos imigrantes, criaram um sistema de intercâmbios capazes de fomentar o fluxo imigratório entre os dois países. Portanto, as existências das redes afetivas entre os portugueses fazem parte da construção identitária desse povo, seja individual ou coletiva. Mas a intensidade e a dimensão desses laços foram redefinidas por meio da rede imigratória¹¹. Múltiplas dimensões de redes foram ativadas no processo imigratório português no século XX, internas aos dois países ou externas para viabilizar a imigração: parentes, amigos, vizinhos etc.

Concomitante à comunidade rural de Santa Isabel, Petrópolis era ocupada por outros imigrantes portugueses, dedicados às atividades do meio urbano, como o comércio. Entre eles, a título de exemplo, destacamos a família Ferreira Alves¹², que, ao longo de suas gerações, ocupou cargos no exército, na educação e demais setores. Outros portugueses foram, também, donos de comércios de grande reconhecimento, entre eles a padaria Petrópolis, que até a atualidade exerce influência no cotidiano dos moradores da cidade.

A vinda de um perfil de imigrante português para Petrópolis confluí com as características gerais do processo imigratório para o Brasil. Conforme trata Eulália Lobo¹³ em sua obra, nós temos no período da grande imigração a pre-

¹¹ BERTRAND, Michel. *Del actor a la red: análisis de redes e interdisciplinaridad*. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Coloquios, 2009, p. 5.

¹² NETTO, Jeronymo Ferreira Alves. *Coronel Jeronymo Ferreira Alves- Grande animador do progresso do município de Petrópolis*. Instituto Histórico de Petrópolis, 2004. Disponível em: <https://ihp.org.br/?p=3762>. Acesso em: 09 de setembro de 2023.

¹³ LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Imigração Portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2001, p.42.

sença de homens solteiros e jovens, que vêm em busca de melhores condições para as suas famílias. Já no período imigratório pós 1930, o perfil do português que chega ao Brasil passa a ser de famílias inteiras, de mulheres ao encontro de seus maridos com filhos, pessoas mais idosas etc. A origem territorial desses imigrantes permaneceu sendo a mesma no antes e pós 1930, vindos dos distritos nortenhos de Portugal¹⁴, como Vila Real e Bragança, observados no estudo de Santa Isabel. Assim também ocorreu com a profissão do imigrante português, que permeou entre agricultores e jornaleiros¹⁵. O ofício no comércio pelos lusitanos só terá seu desenvolvimento em larga escala nas cidades brasileiras, como Petrópolis.

No Brasil, encontrar estudos sobre a trajetória dos imigrantes portugueses é bastante desafiador, principalmente devido à presença desse grupo no país ao longo dos séculos. Eles são parte integral do cotidiano brasileiro, e isso dificulta a distinção em relação a outros grupos estrangeiros e, consequentemente, a pesquisa específica sobre sua história. Em Petrópolis, grande parte de imóveis pertenceu a portugueses ou descendentes luso-brasileiros no primeiro distrito, assim como os comércios de variados tipos, a exemplo dos famosos mercadinhos ou quitandas. Um português de Santa Isabel, por exemplo, senhor Paulo Morais, chegou ao Brasil nos anos 1950, vindo de Tijão, região pertencente ao Distrito de Vila Real, em busca de melhorias de vida. Seu pai já estava instalado na região¹⁶. Após iniciar os trabalhos em Santa Isabel, na lavoura, Paulo Morais dedicou-se ao comércio, sendo dono, nos anos de 1990, de quatro quitandas no primeiro distrito de Petrópolis: na rua 16 de março, na rua Montecaseros, no bairro Valparaíso e no bairro do Alto da Serra.

Mas foi assim, sacrificado, depois saí, mas me dei bem na roça mesmo assim, graças a Deus, comprei até um fusca 70 bege, um caminhãozinho, uma camionete para fazer feira em Belford Roxo, sábado à noite, depois comecei a vender no Ceasa, depois foi melhorando, comecei a trabalhar por minha própria conta, quis alugar um terreno lá da família Ribeiro, mas tive que começar em um local

¹⁴ LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Imigração Portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2001, p.175.

¹⁵ LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Imigração Portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2001, p.21.

¹⁶ Entrevista realizada a Paulo Moraes por Natalia da Paz Lage, no dia 15 de outubro de 2022, em Petrópolis.

quase de pasto, o enxadão batia e vinha até para cima. Comecei três vezes: quando vim para o Brasil, quando fui para o Facão e quando fui para o comércio. Sempre começava com dívidas dos pés à cabeça, e graças a Deus com muito trabalho não fiquei a dever nada a ninguém. Depois vim para o bairro Samambaia, depois aluguei uma casa na Barão do Rio Branco, perto do Retiro, depois comprei aqui embaixo, era uma casinha pequena onde mora a Lúcia, já não tem mais nada dela, porque aumentou¹⁷.

Dentro do setor industrial, na cidade de Petrópolis, também houve a presença do operariado português, que trabalhava nas fábricas com outros estrangeiros, isto é, de nacionalidades distintas. Temos poucas informações, quantitativa e qualitativamente, sobre a participação dessa população nas lutas operárias da cidade¹⁸.

Por fim, Petrópolis foi destino de imigrantes lusitanos nortistas que se dedicaram ao trabalho agrícola, na área rural de Santa Isabel, com o cultivo de flores e hortaliças voltado para o abastecimento interno do município. A partir do princípio do trabalho, eles criaram, ao molde de suas aldeias natais, uma comunidade com base na formação familiar e religiosa católica¹⁹, que foi capaz de sobreviver ao tempo, se fazendo presente na cidade de Petrópolis até a atualidade.

Etnicidade e a aplicabilidade das teorias raciais no Brasil na primeira metade do século XX no prisma da imigração portuguesa

Já no final do século XIX, o Brasil foi atingido pelas ideias de progresso e modernização vindas da Europa. Em seu bojo, encontramos concepções desenvolvidas pela intelectualidade europeia que embasavam o que seria a sociedade moderna. Nela estava a teoria do branqueamento. De acordo com a máxima vinda dos países colonizadores, a miscigenação era um problema grave para o futuro das colônias ou para países independentes,

¹⁷ Entrevista realizada a Paulo Moraes por Natalia da Paz Lage, no dia 15 de outubro de 2022, em Petrópolis.

¹⁸ Sobre o assunto consultamos o trabalho: MESQUITA, Pedro Paulo Aiello. *A formação industrial de Petrópolis: trabalho, sociedade e cultura operária (1870-1937)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

¹⁹ LAGE, Natalia da Paz. *Ei-los que chegam!: a imigração portuguesa e a formação da comunidade de Santa Isabel na cidade de Petrópolis na primeira metade do séc. XX*. Monografia (Graduação em História) – Universidade Católica de Petrópolis, 2020, p. 53.

pois a população negra “corrompia” as melhores características dos povos. Como Lilia Schwartz aborda em seu texto, muitos membros da elite artística e intelectualizada europeia, principalmente francesa, viam no Brasil o real retrato do fracasso de um povo devido à miscigenação: “Trata-se de uma população totalmente mulata, viciada no sangue e no espírito e assustadoramente feia”²⁰.

A teoria do branqueamento era um projeto nacional encabeçado pelas elites brasileiras que visava assimilar a população negra pós-abolição a partir da mestiçagem, até o ponto de não haver mais negros. Leis foram criadas para incentivar, ainda no século XIX, a vinda de imigrantes europeus. Dessa forma, buscava-se acelerar o embranquecimento da população brasileira. E por mais que isso pareça algo restrito ao governo da primeira república, podemos observar, no Decreto-Lei nº 7. 967, de 18 de setembro de 1945, que era necessário, ao admitir estrangeiros, preservar na composição étnica do Brasil as características de ascendência europeia²¹. Portanto, as teorias raciais para o branqueamento da população brasileira permaneceram durante todo o século XX, sendo incorporadas e reformuladas na legislação brasileira.

As teorias raciais vinculadas ao projeto de progresso e de construção da identidade nacional iam se tornando cada vez mais sofisticadas pelo olhar da elite brasileira, agora já republicana, que endossava em suas ações sociais e políticas a máxima proferida nos países considerados exemplos. Por elite, incluímos as escolas de Medicina e Direito, que, em suas respectivas áreas, desenvolveram mecanismos de legitimação da necessidade de embranquecer a população brasileira em prol do progresso e da civilização, já que a mestiçagem era sinal de decadência e enfraquecimento, e a salvação para tal estava na branquitude do europeu, iluminado pela clareza do conhecimento.

²⁰ GOBINEAU apud SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Espetáculo da Miscigenação*. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, vol.8, nº20, São Paulo, Jan./Abr. 1994, p. 137.

²¹ PEREIRA, Bárbara Cristina Silva. *Branqueamento, mestiçagem e “democracia racial”: desdobramentos de um racismo à brasileira*. Anais da IX Jornada Internacional de Políticas Públicas. Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, 2019, p. 3. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2019/images/trabalhos/trabalho_submissaold_142_1425c7ad6e15e6d4.pdf. Acesso em: 07 de setembro de 2023.

Nesse ensejo entra a imigração em massa para o país na primeira metade do século XX. Para que a política do branqueamento fosse efetiva, o governo vigente escolheu preferencialmente os italianos, franceses e germânicos. Os portugueses, foco desta pesquisa, apesar de representarem uma imigração constante no país, tiveram que lidar com o antilusitanismo proveniente da população e do governo durante a primeira república. Foi somente durante os governos de Vargas que eles foram bem quistos novamente, tendo o processo de imigração facilitado²². Porém, não podemos esquecer que os portugueses ainda corresponderam por boa parte de estrangeiros vindos para o Brasil nesses primeiros anos, mesmo com as resistências, pois, acima de tudo, eram brancos e europeus, por isso, auxiliavam nas políticas eugenistas. Acreditava-se que, com o passar dos anos, as gerações iriam embranquecer; por isso, o projeto era a longo prazo.

Vale ressaltar que a construção da visão racial na nação teve seu fundamento na área científica brasileira, mas foi na realidade cotidiana, nas relações entre as pessoas e nas experiências interpessoais que o racismo estrutural da sociedade brasileira, originado do período colonial e imperial, foi aprimorado. No primeiro governo republicano do Brasil, fica clara a intrínseca relação entre a esfera pública e a esfera privada, com o ambiente político sendo transformado em Casa Grande²³.

Nessa realidade política estavam os imigrantes europeus, em sua maioria pobres, vindos das regiões interioranas de seus respectivos países, destinados às propriedades rurais ou às cidades brasileiras em expansão. As políticas de branqueamento contribuíram, de certa forma, para o surgimento da possibilidade de crescimento econômico para os imigrantes, proporcionando-lhes mais oportunidades de emprego e remuneração dada a sua cor de pele.

Os estrangeiros ocupavam os espaços mais dinâmicos da economia, como indústria e comércio, enquanto que para os nacionais pobres,

²² MENDES, José Sacchetta Ramos. *Nem nacional, nem estrangeiro: reflexões sobre um projeto étnico-político brasileiro*. Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (CEPESE), 2010, p. 329. Disponível em: <https://www.cepese.pt/portal/en/publications/works/entre-mares.-o-brasil-dos-portugueses/nem-nacional-nem-estrangeiro-reflexoes-sobre-um-projeto-etnico-politico-brasileiro>. Acesso em: 07 de setembro de 2023.

²³ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Espetáculo da Miscigenação*. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, vol.8, nº20, São Paulo, Jan./Abr. 1994, p. 149.

sobretudo os negros, restavam serviços intermitentes, de menor remuneração e considerados de menor status: carroceiro, varredores, limpadores de trilho, etc.²⁴

Como exemplo, aplicado aos centros urbanos do Rio de Janeiro, citamos as vagas nas áreas rentáveis da economia nacional ocupadas por parcela significativa de portugueses, como no comércio²⁵.

A ocupação profissional, que claramente faz parte de um projeto em que os bens monetários do país se concentraram nas mãos de brancos, europeus e seus descendentes, esteve presente na obra de Aluísio de Azevedo (1997), na figura dos personagens João Romão e Miranda. Ambos eram donos de propriedades e disputavam a predominância no território. João Romão somava à sua venda, o cortiço e a pedreira, que eram localizados nos fundos do casarão, como forma de rentabilidade. Romão, imigrante português, ocupava três áreas diferentes do mercado econômico nacional: comércio, imobiliário e mineração, sendo um exemplo claro das oportunidades de crescimento para o imigrante europeu em detrimento do brasileiro negro.

Ainda na obra de Azevedo, temos o contraponto do status de João Romão e o imigrante português Jerônimo, que vem com a esposa e a filha em busca de melhores condições de vida, trabalha na pedreira de João Romão e mora no cortiço. Jerônimo vive uma vida simples, dedicada ao trabalho e com esperanças de um futuro diferente. Ele é o arquétipo, desenvolvido pelo autor, de muitos imigrantes portugueses que adentraram o território brasileiro, carioca e petropolitano.

Ao construir os personagens imigrantes, Aluísio de Azevedo insere a saudade²⁶ como um sentimento presente e latente na linha narrativa dos portugueses. Por mais que em nossas memórias liguemos o saudosismo ao povo português por meio da sua música, como o fado, não inserimos o estudo da saudade portuguesa na lógica do processo imigratório. Para a população

²⁴ SANTOS, Renan Rosa dos. *As políticas de branqueamento (1888-1920): uma reflexão sobre o racismo estrutural brasileiro. Por dentro da África*, 4 de setembro de 2019, p. 137.

²⁵ Sobre a atuação dos portugueses no comércio no Rio de Janeiro consultar a obra da professora MENEZES, Lená Medeiros de. *Portugueses no Rio de Janeiro: negócios, trajetórias e cenografias urbanas*. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Ayran, 2021.

²⁶ AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. Chile: O Globo, 1997, p. 48.

portuguesa, a saudade ultrapassava o aspecto da falta, da ausência ou tristeza, fazendo parte da estrutura cultural de um povo. O cotidiano do povo português imigrante era imbricado de uma memória saudosa, não só do tempo vivido, mas da sua identidade.

Da saudade fizeram uma espécie de enigma, essência do seu sentimento da existência, a ponto de a transformarem num 'mito'. É essa mitificação de um sentimento universal que dá à estranha melancolia sem tragédia que é o seu verdadeiro conteúdo cultural, e faz dela o brasão da sensibilidade portuguesa.²⁷

Quanto aos portugueses instalados em Petrópolis, muitos se tornaram bem-sucedidos no campo do comércio imobiliário e demais áreas, como João Romão na obra de Aluísio de Azevedo. Outros seguiram o arquétipo de Jerônimo, como a maioria residente na comunidade de Santa Isabel. A cidade serrana era um retrato intenso, também, das conjunturas e tensões sociais presentes no Rio de Janeiro.

Ao estudar a comunidade de Santa Isabel na sua tentativa de reformulação identitária, encontramos um resultado oposto à proposta encabeçada nos projetos de embranquecimento da população brasileira e da busca, também, de uma identidade para o país. Vale ressaltar que os imigrantes da comunidade de Santa Isabel, mesmo vindo a partir de 1930, fizeram parte das políticas raciais que continuavam em vigor e que estavam voltadas para o enaltecimento da cultura lusitana.

Os lusitanos de Santa Isabel, assim como portugueses de outras cidades do país, tinham por preferência o casamento com noivas portuguesas/luso-brasileiras em detrimento as mulheres brasileiras, tornando a aplicabilidade da ideia eugenista pela elite brasileira complexa²⁸. Mas por que os portugueses vindos no século XX tentavam, dentro das possibilidades, não ter por escolha as brasileiras e principalmente as mulheres/homens negros? A resposta, tendo por base os estudos da comunidade portuguesa de Santa Isabel,

²⁷ LOURENÇO, 1999, p. 31 apud NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. *Memória social e saudade: especificidades e possibilidades de articulação na análise psicosocial de recordações*. Periódico Memorandum, 8, abr/2005, p. 12.

²⁸ FLORENTINO, Manolo e MACHADO, Cacilda. "Imigração portuguesa e miscigenação no Brasil nos séculos XIX e XX". In: LESSA, Carlos (org.). *Os Lusíadas na aventura do Rio moderno*. Rio de Janeiro, Record/Faperj, 2002, p. 99.

esteve na tentativa de manter a sua identidade nacional de origem e construção de grupos compostos por pessoas de mesma origem étnica, respaldados na estrutura social portuguesa do XX.

Diferentemente do que é preconizado acerca do imigrante português, este só se tornou flexível e escolheu a(o) parceira(o) brasileira(o) negra(a) como última opção na hierarquia nupcial. A mulher negra ocupava, para o português, o lugar de objeto sexual, enfatizando as relações de poder inerentes à cor e à ocupação.

Em sua obra “Casa Grande e Senzala”, Gilberto Freyre (2003, p. 265) aponta o colonizador português como o mais “flexível” dentre os colonizadores europeus; como aquele “[...] que melhor confraternizou com as raças chamadas inferiores. O menos cruel nas relações com os escravos”. Na concepção de Freyre, seja na presença ou ausência da mulher branca, o homem português sempre inclinou-se para “o contato voluptuoso com a mulher exótica”. Daí a proximidade entre casa grande e senzala, que, através das relações assimétricas de poder, garantiu a origem histórica da miscigenação no país por meio da violência contra mulheres negras.²⁹

As trocas matrimoniais de Santa Isabel demonstraram que os imigrantes portugueses tentaram ao máximo os casamentos de mesma etnia; e diante da inviabilidade, casaram-se com brasileiras descendentes diretas de portugueses. A comunidade localizada em Petrópolis, portanto, representava as limitações da ideia do português enquanto estrangeiro ideal para a miscigenação e as políticas raciais. Da mesma forma, o casamento entre patrícios era uma forma dos portugueses de Santa Isabel manterem sua identidade e organização social de nascença. Assim, não fazia parte desse conjunto de sistemas a inserção à cultura brasileira.

A partir da construção da etnicidade, que se dá por meio dos atores e das suas interações cotidianas, assim como da tentativa de modificação da realidade social³⁰, os portugueses imigrados buscaram dentro da sua rede

²⁹ PEREIRA, Bárbara Cristina Silva. *Branqueamento, mestiçagem e “democracia racial”: desdobramentos de um racismo à brasileira*. Anais da IX Jornada Internacional de Políticas Públicas. Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, 2019, p. 7. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2019/images/trabalhos/trabalho_submissaold_142_1425c7ad6e15e6d4.pdf. Acesso em: 07 de setembro de 2023.

³⁰ RODRIGUES, Donizete. *Identidade e Etnicidade: aspectos teóricos e conceituais*. Humanidades e Inovação, Universidade Estadual do Tocantins, vol. 8, nº 42. Palmas: Abr. 2021, p. 199.

com patrícios uma forma de manutenção da identidade individual e de sobrevivência na sociedade estrangeira. O casamento e a descendência lusitana faziam parte dessa estratégia. Portanto, as ideias defendidas pelos imigrantes portugueses foram da preservação do grupo, a partir da identidade étnica em comum, ou da sua integração à sociedade brasileira por meio da formação de famílias luso-brasileiras, respeitando a identidade étnica em comum³¹.

A hierarquização matrimonial e a tentativa de manter-se dentro da cultura portuguesa no Brasil esteve presente também na obra de Azevedo. No personagem de João Romão³², vemos a predileção do imigrante português por mulheres brancas para o matrimônio, mas a permanência do uso da mulher negra para a satisfação dos prazeres sexuais e para o trabalho braçal. Aluísio de Azevedo narra durante toda a primeira parte da obra a relação amorosa e de exploração de João Romão com a personagem Bertoleza, escrava que ele ajudou na fuga. Mas a narrativa destrincha para o casamento somente com a filha de Miranda, branca e de elite. Podemos entender, em síntese, que os imigrantes portugueses buscaram construir suas famílias com mulheres portuguesas e vice-versa, não priorizando as políticas de branqueamento oficializadas pela aristocracia brasileira ou os objetivos iniciais das ações de incentivo à imigração. Assim aconteceu com a comunidade portuguesa de Santa Isabel, em Petrópolis.

Portugueses em Petrópolis: casamentos homogânicos na comunidade de Santa Isabel

Para realizar a pesquisa com os imigrantes de Santa Isabel e compreender como as escolhas matrimoniais desse grupo reverberaram em uma contraposição das leis raciais brasileiras, ao mesmo que afirmaram uma identidade étnica comunitária, utilizamos a metodologia de história oral, vinculada aos registros paroquiais. As entrevistas foram feitas nos anos de 2020, 2022 e 2023 com nove imigrantes da comunidade de Santa Isabel, sendo eles:

³¹ CANCELA, Cristina Donza. "Redes sociais, famílias e migração portuguesa em uma capital Amazônica: Pará/Brasil, 1850-1920". In: CABALLERO, Gabriella Dala-Corte (org.). *Familias, movilidad y migración América Latina y España*. 1^a ed. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2015, p. 163.

³² AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. Chile: O Globo, 1997, p. 13.

Maria Izabel Peixoto; Maria Sofia Lage; Maria Pereira; Cacilda Diniz; Fernando Vieira; José Bernardino Martins Diniz; José Carvalho; Paulo Moraes; e Maria Nazaré Rodrigues. Em todos observamos o papel central do matrimônio e a importância da manutenção das redes entre patrícios para a formação dos núcleos familiares. Para os portugueses de Santa Isabel, o núcleo familiar português e luso-brasileiro ocupava o centro de suas vidas.

A minha relação com a minha família em Portugal era uma relação boa, como família era até melhor que hoje, família era muito estimada naquela época, rezavam muito pela aparição da Fátima quando era época, as famílias rezavam o terço a noite, isso era sagrado, juntos, não tinha televisão, luz, carro, nada. Depois de 30 anos já era tudo luxo lá, eu já nem reconhecia mais como a minha terra. Graças a Deus para melhor.³³

Tive sempre motivos de alegria e não tristeza aqui em Santa Isabel, vivendo com os filhos, era a minha alegria, sete filhos. Só ficava triste se eles ficassem doentes. A família foi o grande motivo de criar raiz, não ter coragem de sair mais para lugar nenhum. A grande casa é a família não tem jeito. A família e agora os netos, é uma coisa por demais.³⁴

Os casamentos dos imigrantes portugueses, portanto, eram primordiais para a construção do novo núcleo familiar e para a criação de raízes no Brasil. Em consequência, os matrimônios lusitanos foram, na primeira metade do século XX, um caminho rico para entender, na prática, a etnicidade e as teorias raciais. Escolher um(a) noivo(a) parece, à primeira vista, uma escolha puramente individual, porém no matrimônio estão imbricados toda uma ordem social vigente e dos grupos aos quais os sujeitos fazem parte, seja familiar ou de amizade³⁵. Recortando a comunidade de Santa Isabel para análise, entendemos que os imigrantes lusitanos utilizaram do matrimônio enquanto ferramenta de aliança entre os grupos familiares, dando, assim, densidade e enraizamento ao grupo comunitário.

Em 1930, podemos observar no recolhimento dos dados dos processos matrimoniais da Paróquia de São Pedro de Alcântara na Cúria

³³ Entrevista realizada a Paulo Moraes por Natalia da Paz Lage, no dia 15 de outubro de 2022, em Petrópolis.

³⁴ Entrevista realizada a José Bernardino Martins Diniz por Natalia da Paz Lage, no dia 16 de outubro de 2022, em Petrópolis.

³⁵ ZONABEND, Françoise. “Da Família. Olhar etnológico sobre o parentesco e a família”. In: BURGUIÈRE, André. et al. (dir.). História da família. v. 1: Mundos longínquos, mundos antigos. trad. M. da A. Santos. Lisboa: Terramar, 1998, p. 25 e 26.

Diocesana de Petrópolis que as escolhas maritais dos imigrantes portugueses, solteiros, de Santa Isabel eram as patrícias, porém, como a realidade da imigração lusa de todo o país, numericamente as mulheres portuguesas eram inferiores aos homens³⁶. A incessante busca por portuguesas tem por explicação a tentativa de aproximação com a realidade cultural e social de origem no país estrangeiro, criando uma rede de apoio familiar no Brasil, já que muitos deixavam suas famílias praticamente inteiras em Portugal.

Com a virada dos anos de 1950, o mercado matrimonial em Santa Isabel se enriqueceu com portuguesas, muitas já destinadas a casamentos com patrícios instalados na comunidade, outras acompanhando a família, dada a mudança no perfil do imigrante a partir de 1950: de homens solteiros para famílias inteiras ou esposas ao encontro de maridos imigrados³⁷.

Houve, também, um aumento considerável de registros de casamentos homogânicos entre portugueses nesse período. Contudo, chama-nos atenção que mesmo com a escassez de mulheres da terra natal, os imigrantes portugueses tiveram predileção pelas filhas de portugueses em detrimento das brasileiras. A ausência das lusas em Santa Isabel não impediu que houvesse a manutenção dos casamentos dentro da estrutura troncal familiar portuguesa³⁸.

Os casamentos em Santa Isabel retroalimentaram-se com o fluxo contínuo de imigrantes, muitos parentes e outros de mesmas freguesias de origem. Com o término, em 1965, da vinda de contingentes imigrantes para a comunidade, o mercado matrimonial se reestruturou com a inserção das gerações seguintes no processo, originando os casamentos dentro do conceito de homogamia oculta e mantendo a comunidade dentro da mesma base étnica.

A homogamia oculta representa o casamento entre pessoas formalmente de nacionalidade diferente, cujas famílias ascendentes têm a mesma origem. Ou seja, o casamento de um noivo português cuja esposa tenha nascido no Brasil, mas que um de seus pais, ou ambos, tenham nascido em Portugal, caracteriza a homogamia oculta pois,

³⁶ LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Imigração Portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2001, p. 42.

³⁷ Entrevista realizada a Maria Izabel Peixoto por Natalia da Paz Lage, no dia 27 de agosto de 2020, em Petrópolis; Entrevista realizada a Maria Pereira por Natalia da Paz Lage, no dia 17 de setembro de 2020, em Petrópolis.

³⁸ FLORENTINO, Manolo e MACHADO, Cacilda. "Imigração portuguesa e miscigenação no Brasil nos séculos XIX e XX". In: LESSA, Carlos (org.). *Os Lusíadas na aventura do Rio moderno*. Rio de Janeiro, Record/Faperj, 2002, p. 106 e 107.

o casamento é exogâmico do ponto de vista formal, mas homogâmico do ponto de vista da origem étnica das famílias ascendentes.³⁹

Para exemplificar a densidade de casamentos homogâmicos em Santa Isabel enquanto fator essencial para a organização das demais áreas de poder do grupo e a predileção pelas noivas portuguesas em detrimento das brasileiras, usaremos como exemplo o casamento de Maria Izabel Peixoto com Manuel Marques Carvalho da Paz Filho⁴⁰.

Maria Izabel nasceu em Campanhó, freguesia de Mondim de Basto, pertencente ao Distrito de Vila Real, filha de Rosalina Ribeiro Peixoto e Antonio José Peixoto, este presidente de freguesia e vinculado ao Estado Novo português, amigo próximo de Antonio Salazar⁴¹. A família de Maria Izabel tinha uma boa qualidade de vida para os padrões das aldeias rurais do norte português do período e era conhecida em toda a freguesia e nas demais vizinhas. Por motivos que vão desde problemas matrimoniais, envolvendo Antonio após o falecimento de Rosalina, ao sonho de enriquecer no Brasil por parte daquele, optou pela imigração. Em 1951, Maria Izabel embarca, aos 6 anos, para o Brasil. A vinda para Santa Isabel teve por intermediário um primo de seu pai, José Ribeiro Peixoto, português e morador na comunidade, assim como muitos imigrantes da freguesia de Campanhó, que tiveram por destino a cidade de Petrópolis.

Porém a ocupação social e hierárquica de poder que Antonio, seu pai, assume no Brasil foi diferente de Portugal, pois chegou sem dinheiro e não ocupava cargo público algum nessa nova configuração social. Recém-chegado, foi empregado na lavoura de alguns conhecidos de aldeia.

Eles judiaram muito com o meu pai, porque em Portugal ele era seu fulano, presidente da freguesia, aí veio para cá para trabalhar para eles de empregado e o seu José da Venda era da mesma região nossa né, então conhecia toda essa história. Eles brigaram, foi mesmo por conta de uma carta, acho que estava com endereço errado e

³⁹ CANCELA, Cristina Donza. "Redes sociais, famílias e migração portuguesa em uma capital Amazônica: Pará/Brasil, 1850-1920". In: CABALLERO, Gabriella Dala-Corte (org.). *Familias, movilidad y migración América Latina y España*. 1^a ed. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2015, p. 165 e 166.

⁴⁰ A utilização dos nomes foi autorizada pela família dos nubentes.

⁴¹ Entrevista realizada a Maria Izabel Peixoto por Natalia da Paz Lage, no dia 27 de agosto de 2020, em Petrópolis.

voltou, não sei bem, eu era muito pequetinha, devia ter uns 8 anos quando aconteceu⁴².

Já Manuel Marques Carvalho da Paz Filho era brasileiro, nascido em Santa Isabel, mas filho do português Manuel Marques da Paz, muito conhecido na comunidade por ser um dos primeiros imigrantes vindos da leva do século XX. Sua mãe, Marieta Augusta Câmara, também era brasileira, nascida em Santa Isabel, filha de portugueses, a mãe nascida na Ilha da Madeira. Aqui podemos observar a homogamia oculta,⁴³ em que descendentes mantêm a estrutura étnica por origem familiar e não necessariamente pelo local de nascimento. Assim como houve a predileção dos luso-brasileiros pelas noivas portuguesas, no caso de Manuel Marques Filho, aconteceu das luso-brasileiras por portugueses, como Marieta Câmara ao casar-se com Manuel Marques. Mesmo nascendo no Brasil, muitos descendentes escolheram cônjuges de mesma origem étnica, baseados na estrutura familiar portuguesa de seus pais.

Vale ressaltar a influência da mãe de Manuel, Marieta, que desempenhava o papel de parteira na comunidade, exercendo uma função significativa na trajetória e prestígio nas famílias locais⁴⁴. Manuel, para além do trabalho na lavoura que exerceu junto aos pais, foi operário (Figura 1) na marmoraria localizada na rua Barão do Rio Branco, exemplo da participação dos imigrantes portugueses na vida operária da cidade, inclusive dos moradores de Santa Isabel. O casamento com Maria Izabel ocorreu a partir da amizade do seu pai com seu futuro sogro. Pelos laços de amizade, de cultura e origem portuguesa, o casamento de Maria e Manoel concretizou a aliança, agora familiar, entre duas famílias da comunidade, ampliando as teias relacionais e de reciprocidade entre seus membros. Movimento impossível se os noivos escolhessem cônjuges de fora do grupo étnico.

⁴² Entrevista realizada a Maria Izabel Peixoto por Natalia da Paz Lage, no dia 27 de agosto de 2020, em Petrópolis.

⁴³ CANCELA, Cristina Donza. "Redes sociais, famílias e migração portuguesa em uma capital Amazônica: Pará/Brasil, 1850-1920". In: CABALLERO, Gabriella Dala-Corte (org.). *Familias, movilidad y migración América Latina y España*. 1^a ed. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2015, p. 165 e 166.

⁴⁴ Entrevista realizada a Maria Sofia Lage por Natalia da Paz Lage, no dia 24 de setembro de 2020, em Petrópolis.



Figura 1 – Funcionários da Marmoaria localizada na Barão do Rio Branco (1966).

Fonte: Arquivo Pessoal de Maria Izabel Peixoto. Acesso em: 02 de fevereiro de 2020.

O casal Maria e Manuel, assim como seus pais, dedicaram-se à lavoura, cultivando flores e hortaliças e tendo barracas fixas nas feiras do Alto da Serra e do Centro da cidade para o escoamento de produção. Juntamente a outros portugueses de Santa Isabel, Bonfim e Brejal, foram a fonte principal de abastecimento de hortaliças na cidade de Petrópolis e nas feiras da Baixada Fluminense. Maria também realizou durante muitos anos as feiras de finados, com as mercadorias produzidas na sua propriedade em Santa Isabel, perpetuando o cultivo inicial de flores na localidade⁴⁵.

A partir da descendência do casal, as trocas matrimoniais internas na comunidade continuaram existentes. Temos em vista, por exemplo, o casamento de Maria José da Paz, brasileira, filha do meio do casal, com Antonio de Almeida Lage, brasileiro, mas filho de portugueses de Santa Isabel vindos de Ermelo, freguesia de Mondim de Basto, distrito de Vila Real. A geração seguinte aos imigrantes absorveu, a partir das táticas cotidianas empregadas pelo grupo, a cultura e a base organizacional dos pais e recriou na sua identidade e ações, guardadas as especificidades do sujeito enquanto indivíduo agente, o sistema do casamento homogâmico e os níveis de sociabilidade

⁴⁵ Entrevista realizada a Maria Izabel Peixoto por Natalia da Paz Lage, no dia 27 de agosto de 2020, em Petrópolis.

e reciprocidade motriz da fundação da comunidade⁴⁶. Portanto, ainda na geração seguinte não houve miscigenação por parte dos luso-brasileiros, contrapondo a noção do português enquanto principal via para as políticas de branqueamento da população brasileira.

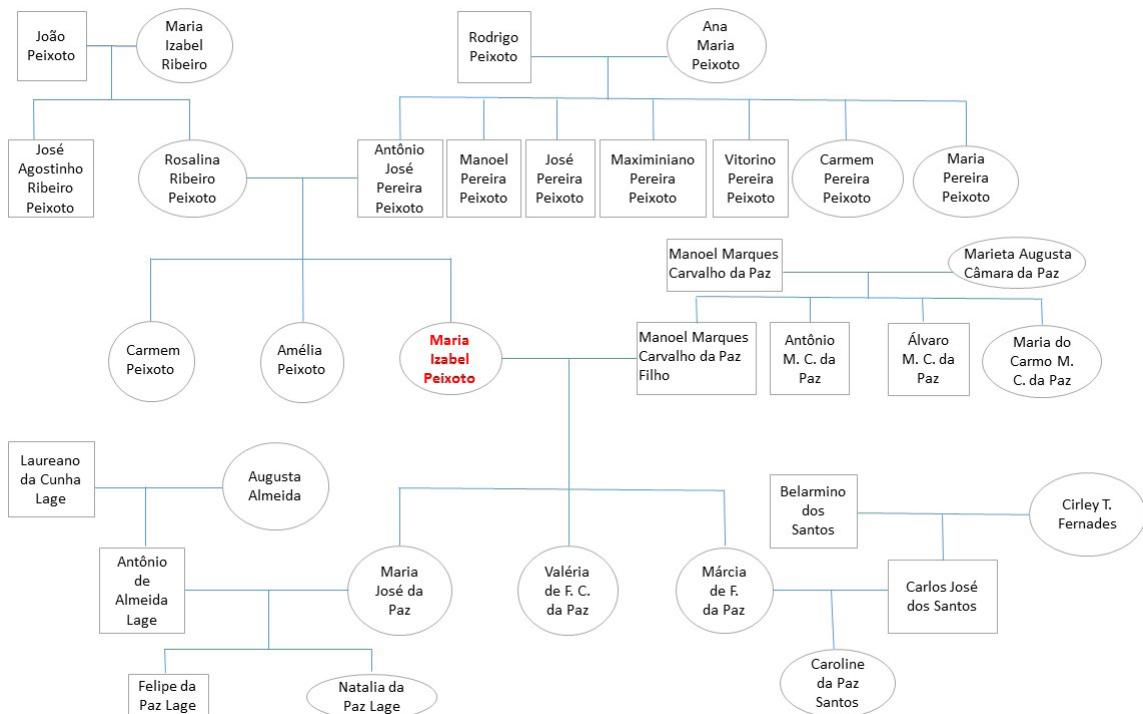


Figura 2 – Genealogia da família de Maria Izabel Peixoto e Manoel Marques Carvalho da Paz Filho.

Fonte: LAGE, Natalia da Paz. *Ei-los que chegam!: a imigração portuguesa e a formação da comunidade de Santa Isabel na cidade de Petrópolis na primeira metade do séc. XX. Monografia (Graduação em História) – Universidade Católica de Petrópolis, 2020, p. 58.*

Com base no casamento de Maria Izabel e Manoel, podemos dimensionar como as escolhas matrimoniais atingiram a hierarquização da comunidade e seu fechamento. Por hierarquia compreendemos que quanto mais densos os laços de amizade e de casamento, mais trocas ocorriam entre os membros, sejam imigrantes ou seus descendentes diretos. Assim, analisar os matrimônios enquanto ferramenta de sociabilidade e formação comunitária pressupõe entender o jogo de poder interno que permeia as decisões dos indivíduos e o lugar que cada um ocupa dentro da “grande família” de Santa Isabel, enquanto núcleo fechado frente à sociedade petropolitana e brasileira.

⁴⁶ LAGE, Natalia da Paz. *Ei-los que chegam!: a imigração portuguesa e a formação da comunidade de Santa Isabel na cidade de Petrópolis na primeira metade do séc. XX. Monografia (Graduação em História) – Universidade Católica de Petrópolis, 2020, p. 56.*

Conclusão

Com as ideias de eugenia importadas do pensamento europeu e muito difundidas no Brasil, a elite brasileira viu no imigrante rural vindo da Itália, da Espanha e de Portugal o caminho necessário para a aplicabilidade de tamanho projeto, facilitando a entrada no país para a “limpeza” da população negra por meio da miscigenação da população brasileira. Na visão desse grupo, só assim o Brasil entraria para o progresso e modernização aos moldes europeus e conseguiria criar uma identidade nacional baseada nas melhores características culturais de nossa fundação, a do colonizador português. Consequente, tivemos a vinda de imigrantes lusitanos fundadores da comunidade de Santa Isabel.

Porém, concluímos, mediante nossas pesquisas, que a comunidade de Santa Isabel foi uma representação de que o português só buscava uma parceira brasileira e negra como última opção, contrapondo toda a expectativa de miscigenação em cadeia para o embranquecimento da população. Diante de um sentimento de mesma identidade étnica e da ideia de formação de uma comunidade de bases culturais lusas, vemos, com o auxílio das trocas matrimoniais, que a participação dos lusos no projeto de embranquecimento viria em último caso, pois a preferência de casamento era com lusitanas(os), descendentes de portugueses, europeus e europeias e, depois, brasileiras e brasileiros.

As escolhas matrimoniais representavam, para os imigrantes de Santa Isabel, não só a união de dois indivíduos, mas uma aliança entre os núcleos familiares. Além disso, elas demonstravam as tentativas dos portugueses de manterem redes de sociabilidade e relações do país de origem, usando-as como base para se estruturarem nas áreas econômicas, políticas, sociais e culturais no Brasil. Ao abordar, em minúcias, o casamento de Manuel Marques Carvalho da Paz Filho e Maria Izabel Peixoto, percebemos a permanência na escolha de cônjuges com etnia portuguesa, resultando na preferência por pessoas brancas para o casamento. Aluísio de Azevedo, na criação de seus personagens, deixou claro que a relação do imigrante português com a brasileira negra era dada no sistema de exploração. A ilegitimidade de

possíveis filhos dessas relações ressaltava a exclusão social desses indivíduos e o sentimento de não pertencimento.

Portanto, a comunidade de Santa Isabel, nas suas especificidades, trouxe características comuns aos portugueses que imigraram para o Brasil. No entanto, mais do que isso, entendemos, na prática, as conjunturas que envolveram os mecanismos de incentivo à imigração para o país, assim como a problematização da afirmação do português como imigrante afeito à miscigenação e ideal para as políticas de branqueamento do século XX.

Referências Bibliográficas

Fontes

Registros de Casamentos da Freguesia São Pedro de Alcântara, Petrópolis, 1933 - 1967. Arquivo da Cúria Diocesana de Petrópolis - RJ;

Livro de 1845 de casamento. Fundo Catedral São Pedro de Alcântara. Cúria Diocesana de Petrópolis.

Entrevista realizada a Maria Izabel Peixoto por Natalia da Paz Lage, no dia 27 de agosto de 2020, em Petrópolis.

Entrevista realizada a Maria Pereira por Natalia da Paz Lage, no dia 17 de setembro de 2020, em Petrópolis.

Entrevista realizada a Maria Sofia Lage por Natalia da Paz Lage, no dia 24 de setembro de 2020, em Petrópolis.

Entrevista realizada a Paulo Moraes por Natalia da Paz Lage, no dia 15 de outubro de 2022, em Petrópolis.

Bibliografia

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. Chile: O Globo, 1997.

BERTRAND, Michel. *Del actor a la red: análisis de redes e interdisciplinariadad*. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Coloquios, 2009. Puesto en línea el 12 noviembre 2009.

CANCELA, Cristina Donza. "Redes sociais, famílias e migração portuguesa em uma capital Amazônica: Pará/Brasil, 1850-1920". In: CABALLERO, Gabriella Dala-Corte (org.). *Familias, movilidad y migración América Latina y España*. 1ª ed. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2015 , p. 153-167.

CASTRO, Celeste. *A Emigração na Freguesia de Santo André de Campeã (1848- 1900)*. Porto: CEPESE e Edições Afrontamento Lda., 2010.

CASTRO, Manoel Viana de. *Caldas Viana. Centenário de Petrópolis, Trabalhos da Comissão*, vol. VII. Prefeitura Municipal de Petrópolis: Petrópolis, 1943.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

FLORENTINO, Manolo e MACHADO, Cacilda. "Imigração portuguesa e miscigenação no Brasil nos séculos XIX e XX". In: LESSA, Carlos (org.). *Os Lusíadas na aventura do Rio moderno*. Rio de Janeiro, Record/Faperj, 2002, p. 91-116.

HISTÓRIA- Petrópolis (RJ). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1512/>. Acesso em: 09 de setembro de 2023.

LAGE, Natalia da Paz. *Ei-los que chegam!: a imigração portuguesa e a formação da comunidade de Santa Isabel na cidade de Petrópolis na primeira metade do séc. XX*. Monografia (Graduação em História) – Universidade Católica de Petrópolis, 2020.

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Imigração Portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2001.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. *Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul*. Editora UNESP. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

MENDES, José Sacchetta Ramos. *Nem nacional, nem estrangeiro: reflexões sobre um projeto étnico- político brasileiro*. Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (CEPESE), 2010. Disponível em: <https://www.cepese.pt/portal/en/publications/works/entre-mares.-o-brasil-dos-portugueses/nem-nacional-nem-estrangeiro-reflexoes-sobre-um-projeto-etnico-politico-brasileiro>. Acesso em: 07 de setembro de 2023.

MENEZES, Lená Medeiros de. *Portugueses no Rio de Janeiro: negócios, trajetórias e cenografias urbanas*. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Ayran, 2021.

MESQUITA, Pedro Paulo Aiello. *A formação industrial de Petrópolis: trabalho, sociedade e cultura operária (1870-1937)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

MULLER, Mariza. *Os Portugueses na Formação de Petrópolis (1836- 2018)*. Publicação Independente, 2019.

NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. *Memória social e saudade: especificidades e possibilidades de articulação na análise psicossocial de recordações*. Periódico Memorandum, 8, abr/2005, p. 5-19.

NETTO, Jeronymo Ferreira Alves. *Coronel Jeronymo Ferreira Alves- Grande animador do progresso do município de Petrópolis*. Instituto Histórico de Petrópolis, 2004. Disponível em: <https://ihp.org.br/?p=3762>. Acesso em: 09 de setembro de 2023.

NETTO, Jeronymo Ferreira Alves. *Curso de História de Petrópolis*. Instituto Histórico de Petrópolis, Petrópolis, 23 de abril de 2006. Disponível em: <https://ihp.org.br/?p=4360#:~:text=Bernardo%20Soares%20de%20Proen%C3%A7a%20nasceu,Proen%C3%A7a%20Magalh%C3%A3es%20e%20de%20D>. Acesso em: 17 de janeiro de 2023.

NETTO, Jeronymo Ferreira Alves. *Subsídios para uma história de Itaipava*. Instituto Histórico de Petrópolis. Disponível em: <https://ihp.org.br/?p=4673>. Acesso em: 09 de setembro de 2023.

PEREIRA, Bárbara Cristina Silva. *Branqueamento, mestiçagem e “democracia racial”: desdobramentos de um racismo à brasileira*. Anais da IX Jornada Internacional de Políticas Públicas. Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, 2019. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2019/images/trabalhos/trabalho_submissaold_142_1425c7ad6e15e6d4.pdf. Acesso em: 07 de setembro de 2023.

RESENDE, Regina Helena de Castro; KNIBEL, Carolina Moreira da Silva. *Almanaque de Petrópolis: os imigrantes e a formação de Petrópolis*. N. 6 (mai. 2018). Petrópolis: Museu Imperial, 2018.

RODRIGUES, Donizete. *Identidade e Etnicidade: aspectos teóricos e conceituais*. Humanidades e Inovação, Universidade Estadual do Tocantins, vol. 8, nº 42. Palmas: Abr. 2021, p. 192- 201. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/issue/view/113>. Acesso em: 14 de janeiro de 2023.

SANTOS, Renan Rosa dos. *As políticas de branqueamento (1888-1920): uma reflexão sobre o racismo estrutural brasileiro*. Por dentro da África, 4 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.pordentrodaafrica.com/educacao/as-politicas-de-branqueamento-1888-1920-uma-reflexao-sobre-o-racismo-estrutural-brasileiro>. Acesso em: 14 de janeiro de 2023.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Espetáculo da Miscigenação*. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, vol.8, nº20, São Paulo, Jan./Abr. 1994.

WALL, Karin. *Famílias no Campo: passado e presente em duas freguesias do Baixo Minho*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

ZONABEND, Françoise. “Da Família. Olhar etnológico sobre o parentesco e a família”. In: BURGUIÈRE, André. et al. (dir.). *História da família*. v. 1: Mundos longínquos, mundos antigos. trad. M. da A. Santos. Lisboa: Terraramar, 1998.